



I. PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Kuya por todo o lado

Agarrava-se à mala que tinha ao colo, quando o que queria era poder pegar na cachorrinha que estava prestes a adoptar. Chamá-la-ia Kuya, que em crioulo significa coisa boa. Finalmente, a funcionária do canil entrou no gabinete de adopção com uma grande caixa de cartão. Pousou-a levemente no chão, ao lado da Rita. A Rita pôde ver a Kuya dormitando, enroscada lá dentro. Sem sair da cadeira à frente da secretária, retirou rapidamente uma manta que tinha na mala. O toque leve das suas mãos, para levantar a Kuya e pôr a manta por baixo, teve o efeito equivalente a uma sirene de bombeiros. A Kuya desatou aos pulos, a querer ir ter com a Rita, que cedeu logo, trazendo-a para o seu colo.

A funcionária começou a explicar os termos de adopção, pedindo a atenção da Rita. Ela bem tentou, mas entre mordidas nos brincos, patas enroladas no cabelo e puxões na roupa, estava deliciada e completamente distraída.

Passado um tempo, pousou-a na caixa, para conseguir manejar a caneta com a qual preencheria os papéis da adoção. Reparou, ao fim de uns minutos, que a pequenita tinha adormecido. A funcionária explicou que tinham sido uns dias muito intensos no canil, e que era normal ela precisar de dormir. Daqui para a frente seria importante fazer tudo com calma e espaçadamente. A Rita ficou enternecida e debruçou-se sobre a Kuya o mais silenciosamente possível, como um militar a entrar em campo inimigo, sob perigo de ser descoberto, e verificou os estragos: a Kuya ainda tinha uma das pulseiras da Rita (agora da Kuya), na boca, com vários fios desfeitos. Com muita calma e carinho deu uma festa no pêlo fofo da Kuya. Parecia que tinha tocado no botão de ligar, porque a Kuya, de repente, não parava quieta!

— Estavas tão bem a dormir, linda, acalma-te! Deita aqui, deita. Está quieta tonta!

Mas a Kuya não parava. Quanto mais a Rita a tentava acalmar, pondo-a na manta, dando-lhe festas, mais ela disparava unhas e dentinhos às suas mãos. Tinha de as retirar para que a Kuya não a magoasse. E assim que se aproximava de novo para lhe dar carinho, lá voltava ela a mordiscar. Isto aconteceu várias vezes: sempre que Rita a via quieta e aproximava a mão, a Kuya ligava o turbo e voltava à carga. Depois de uns momentos demorados neste liga/desliga, a Kuya suspirou um bocadinho e deixou-se adormecer novamente.

Rita e o vício do telemóvel

Enquanto a Kuya estava com a veterinária, a Rita estava à espera no gabinete. Lá se demoravam, por isso pegou no livro que trazia na mala e abriu-o na última página que lera. O telemóvel tocou. Era o Gonçalo a perguntar ao grupo onde queriam jantar no sábado. Tinham um grupo no WhatsApp com alguns amigos, para combinarem saídas e jantares. A Rita queria ver como corria a semana com a Kuya antes de se comprometer, por isso não ia responder ainda. Arrumou o telemóvel.

O telemóvel tocou. A Sara sugeria a pizzaria Bella Vita e o Gonçalo enviou um emoji a sorrir. Pousou o telemóvel, que voltou a tocar antes que pudesse afastar o olhar de volta para o livro. A Luísa dizia que algo mais perto do centro era melhor, para irem depois a pé beber um copo. Pousou o telemóvel. Leu a primeira frase do capítulo e pegou no telemóvel, que entretanto tinha tocado de novo. O Luís lembrava a fantástica tasca do Zé Borrego. A Rita fechou a aplicação e passou uns segundos pelo

facebook. O telemóvel tocou, era o Gonçalo a lembrar que a Rita era vegetariana. Absteve-se de comentar e pegou no livro. Já conhecia bem esta grupeta, iam ficar horas a aparvalhar. Lá está, o Luís tinha posto quatro emojis de seguida, uma cara a chorar, uma faca, um coração e um polícia. Já que estava com o telemóvel na mão foi, sem pensar, ao instagram, ver o que havia por lá. O telemóvel tocou. A Sara sugeria o Folha, restaurante vegetariano. A Luísa disse que era muito caro.

A Rita já sabia que esta conversa ia durar a semana toda, até ao próprio dia do jantar. Pousou o telemóvel e pegou no livro. Releu a primeira frase do capítulo. O telemóvel tocou, com uma resmunguice da Sara. Dizia que a Luísa só criticava e não dava sugestões. Voltou ao facebook só para ver e fazer scroll-down. Após uns momentos, o Luís fazia piadas de como era a Rita que estragava tudo com a sua dieta freak e radical. Voltou a pousar o telemóvel e a reler a primeira frase. Continuou a ler, mas teve de voltar ao início, para apanhar o sentido do que lera. Não terminou, porque o telemóvel tocou e ela queria ver se continuavam a mandar vir com o facto de ser vegetariana. A Luísa tinha feito uma lista com seis restaurantes que, dizia ela, teriam provavelmente opções vegetarianas e eram suficientemente perto do centro. Desta vez, demorou-se ainda mais tempo no telemóvel. Passou pelo facebook e pelo instagram e acompanhou a parvoeira da conversa. Agora todos gozavam: entre milhões de emojis e memes, ora românticos, ora de lutadores de artes marciais, a brincar sobre o facto de a Luísa e a Sara eram perfeitas uma para a outra. A Rita procurou a segunda frase do capítulo, mas lembrou-se de um gif perfeito para usar, com dois cães de trela a ladrarem ferozmente um ao outro, mas que, assim que as trelas quebram, baixam as orelhas e vai cada um à sua vida. Dizia “Pessoas no facebook versus pessoas cara a cara”.

Reparou que tinha fechado o livro sem o marcador. Folheou-o até ver o capítulo II, releu as mesmas frases pela quinta vez. O telemóvel voltou a tocar, mais notificações. Era a Luísa a queixar-se de como quando ela tinha iniciativa ninguém alinhava e só atrofiavam. O Gonçalo foi em seu auxílio e fez uma sondagem com as várias hipóteses, para cada um votar. Quase de certeza que venceria a hamburgueria, foi aí que a Rita votou. Tinha uns hambúrgueres de seitan deliciosos.

A fome deixou-a aborrecida por estar ali parada à espera. Levantou-se e foi espreitar pelo vidro da janela do gabinete, na esperança de ver chegar a sua cachorrinha.

Loucura à distância de um toque

Os cachorros são tão amorosos que fica difícil não lhes mexermos imediata e continuamente. Além disso, parecem viver para ficarem absolutamente colados a nós, encostando-se, abocanhando as nossas mãos, atirando-se para o nosso colo ou saltando para a nossa cara. Contudo, são bebês. Ainda não sabem muito bem como é que esta coisa de interagir connosco pode ser levada a cabo. Assim, vão experimentando. Cabe-nos a nós ensinar-lhes a forma ideal de interagirmos.

A primeira coisa que é interessante ensinar aos nossos cães é que a nossa pele é sensível e que os seus dentinhos aguçados causam dano. Há cachorros que, apesar se serem novinhos, têm patorras que magoam só de passagem. O ideal, nos primeiros dias, é que o contacto com as nossas mãos seja associado a um contexto de tranquilidade.

Mas o que é que os cachorros fazem assim que lhes pomos a mão em cima para uma festa? Mordiscam a nossa mão. Muito agradável. Parece que o nosso toque, ou melhor, a própria aproximação da nossa mão, é como um botão para que activem a energia toda e desatem a mordiscar, rebolar e saltar em cima de nós - como o toque do telemóvel. Torna-se quase impossível, para qualquer um, resistir a pegar no telemóvel poucos segundos depois de este tocar. E, já que o temos na mão, muitas vezes continuamos a explorar as aplicações. O telemóvel da Rita tocava e lá pegava ela nele sem pensar. A Rita queria genuinamente ler o livro, mas parecia ter um vício automático. Sempre que alguém falava no grupo do WhatsApp, lá queria ela ir ver o que tinham dito.

Talvez com os cachorros seja assim: mal vêem a nossa mão aproximar-se, atiram-se automaticamente para interagir com

ela o melhor que sabem - com a boca, claro está. Mais vale assumir que, de cada vez que a nossa mão se aproximar do nosso cachorrinho, ele vai activar o modo brincadeira e mordidelas. Ele é um bebé. Não consegue resistir. Nasceu para interagir com o mundo. E se o mundo está literalmente a tocar nele, é razão para soltar a loucura. O ideal é pararmos de lhes mexer assim que começam a pôr a boca.

Caso contrário, se continuarmos a interagir desta maneira, a brincar com as nossas mãos enquanto o cão nos mordisca, ele vai aprender que é assim que se interage com a espécie de duas patas. Contudo, muito em breve, nomeadamente quando o cão tiver um tamanho que realmente pode magoar, haverá com certeza uma mudança astronómica da nossa parte. E se não partir da família do cão, com certeza virá das visitas ou de outras pessoas com quem ele terá de interagir no futuro. Quão injusto é, depois de tantos meses iludido, que o cão tenha de aprender que interagir afinal não envolve os dentes nas nossas mãos?

O mesmo acontece com as festas - convém dar apenas em momentos de mimo e sono. Se usarmos as mãos quando está com vontade de brincar, o cachorro não vai aprender que a nossa pele é sensível. Queremos, com o tempo, que ele associe que o contacto connosco deve ser feito com calma e sem dentes e garras à mistura.